

Dr. Robert A. Peterson, Revelação e Escritura.

Sessão 3, Conhecendo Deus e a História Bíblica

© 2024 Robert Peterson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Robert A. Peterson em seu ensinamento sobre Revelação e Escritura Sagrada. Esta é a sessão 3, Conhecendo Deus e a História Bíblica e Conhecendo Deus e nossa Teologia.

Continuamos nossas palestras sobre as doutrinas da Revelação e da Palavra de Deus e, depois, bem, ainda esta parte da introdução bíblica. Fizemos uma introdução histórica com a ajuda de Peter Jensen e agora estamos fazendo uma introdução bíblica com a ajuda da Teologia Cristã de Christopher Morgan, Conhecendo Deus e a História Bíblica. Queremos correr pensando sobre o conhecimento de Deus através dos episódios bíblicos, se você quiser, de criação, queda, redenção e consumação.

Criação. No princípio, Deus criou os céus e a terra, Gênesis 1.1. Já em existência antes da matéria, espaço ou tempo, o Deus eterno e autoexistente cria o universo e tudo o que existe. Bruce Waltke introduz Gênesis 1:1 a 2:3, citando que o relato da criação é uma apresentação altamente sofisticada, projetada para enfatizar a sublimidade, o poder, a majestade e a sabedoria do Deus Criador e para estabelecer a base para a visão de mundo da comunidade da aliança.

Isso é do Gênesis de Waltke, um comentário. Como personagem principal em Gênesis 1, Deus cria, diz, vê, separa, nomeia, faz, designa, abençoa, finaliza, torna santo e descansa. Deus não é o céu, o sol, a lua, a água, as árvores, os animais ou qualquer outra coisa criada.

Deus os cria, e eles estão sujeitos a ele. A criação não é Deus nem uma parte de Deus. Ele é absoluto e tem uma existência independente, enquanto a criação derivou a existência dele e depende continuamente dele como seu sustentador.

Veja Atos 17:25 a 28. O Criador que está acima e além de tudo, transcendente, soberano e tem autoridade e poder incriveis. Como um rei, ele afeta sua vontade por sua própria palavra, trazendo coisas à existência a partir do nada.

Gênesis 1:3, Hebreus 11:3. Ele ainda demonstra sua autoridade sobre toda a criação ao chamar e nomear os elementos, Gênesis 1:5. O criador soberano transcendente também é pessoal. Em cada dia da criação, Deus está pessoalmente envolvido em cada detalhe, elaborando seu mundo de uma forma que o agrada e beneficie suas criaturas. De forma dramática, no sexto dia, ele cria pessoalmente o homem à sua própria imagem, soprando vida nele.

A comunidade e tem domínio sobre a criação. Como DA Carson nos lembra, citação, nos é concedida uma dignidade espantosa, e há implantada dentro de nós uma profunda capacidade de conhecer Deus intimamente, citação próxima. Carson, *The Gagging of God*, subtítulo *Christianity Confronts Postmodernism*.

Ao nos fazer à sua imagem, Deus nos distingue do resto da criação e estabelece que ele é distinto de nós. Não somos de Deus, mas criaturas feitas à imagem do criador. Deus também é bom, o que se reflete na bondade de sua criação e reforçado no refrão constante, “e Deus viu que era bom.”

Gênesis 1:10, 12, 18, 21, 25. No sexto dia, a criação é descrita como muito boa, versículo 31. A bondade inerente da criação não deixa espaço para um dualismo fundamental entre espírito e matéria, de modo que o espírito é bom e a matéria é má.

De fato, a criação material reflete a bondade de Deus, que também é evidente em sua generosa provisão de luz, terra, vegetação, animais e coisas rastejantes e rastejantes. Essas são as bênçãos de Deus para o benefício da humanidade, assim como a capacidade de se relacionar com Deus, fertilidade para procriar e autoridade para usar as abundantes provisões da terra para o bem da humanidade. Embora a criação atinja seu ápice na criação do homem por Deus à sua imagem, Gênesis 1:1 a 2:3 culmina no descanso de Deus.

No sétimo dia, Deus termina sua obra criativa, descansa, abençoa e santifica o dia tão santo quanto um sábado a ser guardado. Ao fazer isso, Deus demonstra sua alegria e satisfação em sua criação e sua celebração de conclusão, e ele comemora esse evento especial. Deus fornece o Jardim do Éden como um lugar no qual o homem e a mulher podem viver e trabalhar.

Deus, citação, forma o homem, planta o jardim, transporta o homem para lá, estabelece os termos de um relacionamento com ele e procura uma ajudadora para ele, que culmina na mulher. John C. Collins, Gênesis 1 a 4 é a fonte dessa citação. O homem é formado do pó da terra, mas é mais do que pó.

Sua vida vem diretamente do próprio sopro de Deus, Gênesis 2, 7. Ao plantar o jardim e mover o homem para lá, o Criador e Senhor da Aliança fornece um espaço delicioso e sagrado no qual os humanos podem desfrutar de um relacionamento harmonioso com ele, uns com os outros, os animais e a terra. Waltke observa, “que o Jardim do Éden é um jardim de templo, representado mais tarde no Tabernáculo.” Waltke, Gênesis página 85.

Como tal, o jardim destaca a presença de Deus com os humanos. Então, Deus cria Adão e Eva à sua imagem, como bons e com privilégios maravilhosos e responsabilidades significativas no Jardim do Éden. Eles experimentam um

relacionamento desimpedido com Deus, prazer íntimo um do outro e autoridade delegada sobre a criação.

Deus estabelece os termos para viver em sua presença e graciosamente apresenta apenas uma proibição: eles não devem comer da árvore do conhecimento do bem e do mal. A queda é nossa próxima subcategoria. Infelizmente, Adão e Eva não obedecem ao comando de Deus, mas caem, Gênesis 3. Este relato começa com um tentador que questiona a veracidade, a soberania e a bondade de Deus.

O tentador é astuto e desvia a atenção da mulher do relacionamento de aliança que Deus estabeleceu. Nos versículos seis a oito, a cena central na história da queda atinge seu clímax. A sequência fatal é descrita rapidamente em 3.6. Ela viu, ela tomou, ela comeu e ela deu, culminando em ele comeu.

Wenham observa no ponto médio dos versos seis a oito, e ele come, emprega o verbo-chave na narrativa, comer, e é colocado entre a expectativa inflada da mulher de comer. A fruta é boa para comer, é um deleite para os olhos e dá uma visão sobre seus efeitos reais. Os olhos do homem e da mulher são abertos. Eles sabem que estão nus e se escondem entre as árvores.

Gordon Wenham, Gênesis 1 a 15, comentário bíblico de palavras. Quero dizer apenas um pouco mais. Wenham conta as palavras, e ele comeu é central, e distingue as expectativas infladas da mulher em comer dos efeitos reais, que são devastadores.

O contraste é impressionante. O fruto proibido não entrega o que o tentador prometeu, mas traz novas realidades sombrias, avisadas pelo bom e verdadeiro Senhor da aliança. Este ato inicial de rebelião humana traz justiça divina.

“Eles pecam comendo, e assim sofreriam para comer. Ela levou seu marido a pecar, e assim seria dominada por ele. Eles trouxeram dor ao mundo por sua desobediência, e assim teriam trabalho penoso em suas respectivas vidas.” Alan Ross, *Creation and Blessing*, página 148, um estudo perspicaz.

As consequências de seu pecado são adequadas e devastadoras. O casal imediatamente sente vergonha, percebendo que estão nus, 3:7.

Eles sentem seu afastamento de Deus, até mesmo tentando tola mente se esconder dele, versículos 8 a 10. Eles têm medo de Deus e de como ele pode responder, versículos 9 e 10. Sua alienação um do outro também surge quando a mulher culpa a serpente, enquanto o homem culpa a mulher e, por insinuação, até mesmo Deus, versículos 10 a 13.

Dor e tristeza também se seguem. A mulher sente mais dor no parto. O homem se esforça para tentar cultivar alimentos em uma terra com pragas e ervas daninhas, e ambos descobrem dissonância em seu relacionamento, versículos 15 a 19.

Pior ainda, o casal é banido do Éden e da gloriosa presença de Deus, versículos 22 a 24. Como eles desejavam ter ouvido o aviso de Deus. Se você comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, certamente morrerá, 2:17.

Ao comer o fruto proibido, eles não caem imediatamente e morrem de algo como parada cardíaca, mas morrem. Eles morrem espiritualmente, e seus corpos também começam a experimentar a decadência gradual que leva, finalmente, às suas mortes físicas, 3:19. O mais devastador é que essas consequências não recaem apenas sobre Adão e Eva, mas se estendem aos seus descendentes também.

O pecado entra em cena e traz ruptura e alienação em cada relacionamento humano com Deus, consigo mesmo, uns aos outros e com a criação. O contexto imediato e o enredo de Gênesis 4:11 sublinham essa nova realidade sombria. Em 4-7, Deus avisa Caim que o pecado está à espreita na porta e que seu desejo é por ele, mas ele deve dominá-lo.

Infelizmente, Caim se recusa a seguir o conselho e mata seu irmão Abel. Caim é consequentemente amaldiçoado por Deus, alienado da terra e banido da presença de Deus. Gênesis 5 nos lembra que Deus cria os humanos à Sua imagem e os abençoa.

O capítulo oferece esperança por meio da menção de Enoque e Noé, mas destaca sobriamente o domínio da morte com o refrão: Então ele morreu oito vezes. Gênesis 6 esclarece a extensão e a intensificação do pecado, que é retratado como massivo, penetrante, contínuo e característico. Deus graciosamente estabelece uma aliança com Noé e julga apropriadamente a humanidade com o dilúvio.

Gênesis 6:9. Após o dilúvio, Deus reenfatiza a bênção e o mandato da criação e oferece uma promessa de aliança. Gênesis então reconta a história da Torre de Babel, na qual Deus julga os humanos orgulhosos e egoístas que tentam fazer um nome para si mesmos e multiplicar sua influência em vez de servir como portadores da imagem de Deus e promover Seu nome.

Gênesis 11:9. Criação. Queda.

Agora, a redenção na história bíblica e o conhecimento de Deus. Felizmente, Deus não erradica completamente a humanidade por tal traição cósmica, mas graciosamente começa um projeto de restauração. Ele inicia o processo de restauração da humanidade no cosmos, particularmente restaurando os humanos

como portadores plenos da imagem para que possamos participar e refletir a glória, identidade e missão que ansiamos o tempo todo.

Deus chama Abraão de uma família de adoradores de ídolos e faz uma aliança com ele, prometendo ser Deus para ele e seus descendentes. Gênesis 12:1-3.

17:7. Deus promete dar a Abraão uma terra para torná-lo uma grande nação e, por meio dele, abençoar todos os povos. 12:3.

De Abraão veio Isaque e mais tarde Jacó, cujo nome Deus mudou para Israel e de quem Deus traz 12 tribos de Seu povo. O restante do Antigo Testamento diz respeito às relações de Deus com as 12 tribos de Israel. Por meio de Moisés, grandes pragas e um êxodo dramático, Deus chama Israel para fora da escravidão egípcia para ser Seu povo.

Ele lhes dá os Dez Mandamentos, promete ser seu Deus e os reivindica como Seu povo. Ele promete estar com eles e lhes dá a Terra Prometida, que eles ocupam sob a liderança de Josué após derrotar os cananeus. Após a morte de Josué, juízes como Gideão, Débora e Sansão se tornam líderes do povo.

A história se repete conforme geração após geração experimenta paz, então se rebela, então recebe o julgamento de Deus, então clama a Deus, e então experimenta paz mais uma vez. Deus dá ao Seu povo um rei humano, primeiro Saul, então Davi, então Salomão. Sob Davi, um homem segundo o coração de Deus, o reino cresce significativamente.

Jerusalém se torna a capital, e Deus renova Sua promessa de aliança com Seu povo. Deus promete fazer dos descendentes de Davi uma dinastia e estabelecer o trono de um deles para sempre. Deus usa o filho de Davi, Salomão, para construir um templo onde a presença da aliança de Deus é manifesta.

Salomão faz muitas coisas certas, mas também desobedece a Deus de maneiras importantes, e isso leva à divisão do reino em reinos do norte e do sul, Israel e Judá, respectivamente. Deus envia muitos profetas para chamar o povo à fidelidade à aliança. Eles alertam Seu povo sobre os julgamentos que virão se eles não se arrependerem de seus pecados e se voltarem para o Senhor.

No entanto, o povo repetidamente se rebela contra Ele e Seus profetas. Em resposta, Ele envia o reino do norte de dez tribos para o cativeiro na Assíria em 722 a.C. e o reino do sul de duas tribos, Judá e Benjamim, para o cativeiro na Babilônia em 586 a.C. Por meio dos profetas, Deus também promete enviar um libertador, Isaías 9:6 e 7, Isaías 52:13 a 53:12.

Deus promete restaurar Seu povo à sua terra do cativeiro babilônico após 70 anos, Jeremias 25:11 e 12. E Ele faz isso acontecer sob Esdras e Neemias. O povo reconstruiu os muros de Jerusalém e construiu um segundo templo, mas o Antigo Testamento termina com o povo de Deus continuando a se afastar Dele, Malaquias.

Depois de 400 anos, Deus envia Seu Filho como o Messias prometido, servo sofredor, Rei de Israel e Salvador do mundo. O Filho de Deus é concebido de uma virgem e se torna completamente humano, enquanto permanece completamente divino. Com o tempo, Jesus é batizado, derrota com sucesso a tentação de Satanás no deserto e é declarado o Messias.

Jesus escolhe e investe em 12 discípulos como novos líderes de Sua comunidade messiânica. Ele ensina sobre o reino de Deus, que o papel de Deus veio em Jesus, o Messias. Jesus demonstra isso expulsando demônios, realizando milagres e pregando as boas novas aos pobres.

Jesus segue completamente a vontade e o plano de Deus, permanecendo sem pecado. Ele é amado por muitos, mas é oposto por líderes judeus, religiosos e políticos. Ele não apenas não se encaixa na concepção deles de Messias, como também enfraquece seu orgulho, crenças e tradições.

A oposição aumenta quando o Sinédrio condena Jesus em um julgamento ilegal. Como a nação estava ocupada pelo Império Romano, os líderes devem enviar Jesus ao seu inimigo ferrenho, Pôncio Pilatos, que considerou Jesus inocente. Sob pressão dos líderes judeus e das multidões, no entanto, Pilatos crucifica Jesus de qualquer maneira.

Jesus, o inocente, o justo, morre na cruz. De um ponto de vista humano, Jesus morre como uma vítima neste ato desprezível, desprezivelmente maligno. No entanto, a história bíblica destaca que esta morte é parte do plano eterno de Deus para salvar pecadores.

A missão de Jesus é buscar e salvar os perdidos, e Ele não falha em fazê-lo. Jesus salva pecadores como seu substituto, vencedor, sacrifício, segundo Adão, redentor e pacificador. Incrivelmente, Jesus não apenas carrega o mundo na cruz, mas também é ressuscitado dos mortos três dias depois em uma variedade de lugares, situações e ambientes de grupo.

Mais de 500 pessoas testemunham o Jesus ressuscitado. Por meio de Sua ressurreição, Ele confirma Sua identidade, derrota o pecado e a morte, dá nova vida ao Seu povo e fornece um antegozo da futura ressurreição do Seu povo. Jesus orienta Seus discípulos a levar o evangelho a todas as nações para cumprir a promessa de Deus a Abraão de abençoar todos os povos por meio Dele.

Seus discípulos devem fazer discípulos de outros que, então, farão discípulos de outros ainda. No dia de Pentecostes, Jesus envia um espírito que forma a igreja como o povo de Deus do Novo Testamento. O espírito capacita a igreja a dar testemunho de Cristo entre as nações.

A igreja primitiva se dedica ao ensino dos apóstolos, à comunhão, ao partir do pão e à oração, Atos 2:42. A igreja primitiva está envolvida em evangelismo, versículos 38 a 41, compartilhando o evangelho com aqueles que não conhecem Cristo como o meio de salvação. A igreja está comprometida com o discipulado, instruindo os crentes a seguir Jesus como um modo de vida. A igreja é devotada à comunhão, versículos 42 a 47, compartilhando a vida juntos, conhecendo uns aos outros e amando uns aos outros.

A igreja também está envolvida no ministério, versículos 42 a 46, orando uns pelos outros, dando uns aos outros e suprimo as necessidades uns dos outros. A igreja é ativa na adoração, versículo 46, louvando a Deus, reunindo-se publicamente e ensinando em particular, orando, dando e partilhando da comida juntos. A igreja cresce e enfrenta perseguição, mas o evangelho continua se espalhando.

Alguns judeus e muitos gentios confiam em Cristo. Igrejas são plantadas, e o ciclo continua. Ao longo do caminho, as igrejas ensinam doutrina sã, corrigem erros e chamam os crentes a viver em amor, unidade, santidade e verdade.

Apóstolos como Paulo e Pedro também ensinam sobre salvação. Deus Pai planeja a salvação, o Filho a realiza, e o Espírito a aplica a todos os que creem em Cristo. Deus escolhe, chama e dá nova vida em Cristo aos crentes.

Deus perdoa, declara justos e adota em Sua família todos os que têm fé em Cristo. Deus torna Seu povo santo em Cristo e finalmente glorificará todos os que O conhecem. Deus salva por Seu amor generoso e para Sua glória.

O conhecimento de Deus, de acordo com a história bíblica, na criação, queda, redenção e agora consumação. Jesus terminará o que começou. Ele retornará para reinar como Rei, trazendo justiça, paz, deleite e vitória.

O reino é o reinado de Deus sobre Seu povo por meio do Rei Jesus. O reino é tanto uma realidade presente quanto uma promessa futura ligada à segunda vinda de Cristo. Jesus o traz em fases.

Ele é inaugurado em Seu ministério público quando Ele ensina, realiza milagres e expulsa demônios, Mateus 12:28, Mateus 13:1 a 50. Quando Jesus ascende à direita de Deus, o lugar de maior poder, o reino se expande, Efésios 1:20 e 21, e milhares entram nele por meio da pregação dos apóstolos, Atos 2:41, 47. A plenitude do reino

aguarda o retorno de Cristo quando Ele se sentará em Seu trono glorioso, Mateus 25:31.

Cristo julgará o mundo, convidando os crentes para o estágio final do reino, enquanto banirá os descrentes para o inferno, Mateus 25:34 e 41. A passagem clássica que descreve a consumação e essas verdades relacionadas é Apocalipse 20 a 22. Assim como Gênesis 1 e 2 revelam que a história bíblica começa com a criação dos céus e da terra por Deus, Apocalipse 20 a 22 mostra que ela termina com a criação de um novo céu e uma nova terra por Deus.

A história começa com a bondade da criação de Deus e termina com a bondade da nova criação. A história começa com a habitação de Deus com Seu povo em um templo-jardim e termina com Deus habitando com Seu povo da aliança no céu, uma nova terra, cidade, jardim e templo. O céu desce à terra.

Céu e terra são um. De uma vez por todas, a vitória de Deus é consumada. O julgamento de Deus é final.

O pecado é vencido. A justiça prevalece. A santidade domina.

A glória de Deus é desobstruída, e o reino é realizado. O plano eterno de reconciliação cósmica de Deus em Cristo é atualizado, e Deus é tudo em todos na linguagem de 1 Coríntios 15. Como parte de Sua vitória, Deus lançou o diabo e seus demônios no lago de fogo, onde eles não são consumidos, mas, entre aspas, atormentados dia e noite para todo o sempre.

Apocalipse 20:10, Satanás e os demônios não são restaurados, mas vão para o inferno para receber sua devida punição, e permanecem lá para sofrer para sempre. Então Deus julga a todos: aqueles que o mundo considera importantes, aqueles que o mundo nunca nota, e todos no meio, entre aspas, todos cujo nome não é encontrado escrito no Livro da Vida são lançados no lago de fogo. Apocalipse 20 e versículo 15.

Deus não envia apenas os implacáveis imperadores romanos para o inferno, o que poderíamos esperar. Ele consigna ao inferno todos os que não são o povo de Jesus. Veja Daniel 12, 1, Apocalipse 14:10 e 11, Apocalipse 21:8 e 21:27.

Magnificamente, os novos céus e a nova terra chegam, e Deus habita com Seu povo da aliança. Apocalipse 21:3 e 7. Traz conforto a eles: não há mais dor, morte, etc.

Versículo 4. Faz novas todas as coisas, versículo 5. E proclama, está feito, versículo 6. O céu é então retratado como um templo perfeito, glorioso, multinacional e santo. Apocalipse 21, versículos 9 a 27. O povo de Deus carrega corretamente a imagem de Deus, servindo-O, reinando com Ele, encontrando-O diretamente e adorando-O.

22:1 a 5. Deus recebe a adoração que Lhe é devida, e os humanos são abençoados além da descrição, finalmente vivendo ao máximo as realidades de serem criados à imagem de Deus. Para uma visão geral mais completa da história bíblica, enquadrada com a doutrina de Deus, veja DA Carson, *the God who is there, finding your place in God's story*. Conhecendo Deus, a história bíblica e nossa teologia.

A história bíblica molda e enquadra nossos tópicos em teologia. Criação, queda, redenção e consumação enquadram a ordem e os tópicos da teologia, que são essencialmente extensões desses temas. Deus, criação, humanidade, pecado, Jesus e Sua obra salvadora, a aplicação do Espírito Santo da obra de Cristo para nossa salvação, e a igreja e o futuro.

A história bíblica também molda e enquadra o conteúdo da nossa teologia. Assim, nos esforçamos para interpretar a Bíblia e desenvolver nossa teologia de acordo com e sob a orientação da história bíblica e da cosmovisão. Queremos ler as escrituras como ouvintes humildes, como dissemos antes, sob Deus e, portanto, sob Sua palavra.

Portanto, buscamos a teologia dessa maneira. É útil ver como as verdades bíblicas da história bíblica fomentam e esclarecem nossa abordagem à teologia. Olharemos amplamente para os contornos da teologia, da história bíblica e como cada um nos guia na busca pela teologia.

Aqui estão nossos títulos. Deus, Sua revelação e nossa teologia. Criação e nossa teologia.

A humanidade e nossa teologia. O pecado e o mesmo. Cristo e nossa teologia.

Salvação e o mesmo. O Espírito Santo em nossa teologia. A igreja em nossa teologia.

E o futuro da nossa teologia. Deus, Sua revelação e nossa teologia. A natureza de Deus é o fundamento de toda a verdade e fornece uma bússola para nossa teologia.

A infinidade de Deus sublinha o fato de que somente Ele possui conhecimento pleno, passado, presente e futuro. Nós somos limitados. Ele não é.

A graciosidade de Deus inicia nossa teologia, pois todo conhecimento de Deus flui de Sua generosa auto-revelação. Não sabemos nada sobre Deus à parte de Sua graça, mas podemos e O conhecemos por Sua graça. A veracidade de Deus mostra que Sua auto-revelação comunica a verdade e o faz de forma coerente.

A natureza pessoal de Deus nos lembra que o conhecimento Dele também é relacional, apontando-nos para um relacionamento de aliança com Ele. A santidade

de Deus esclarece que a teologia é holística, levando-nos a temer o Senhor e andar em santidade. O amor de Deus esclarece que a teologia cristã não deve ser egocêntrica, mas direcionada externamente para Deus e o bem dos outros.

A glória de Deus sublinha que todo conhecimento verdadeiro de Deus é de Deus, por meio de Deus e para Deus. Apocalipse 11:33 a 36. A auto-revelação de Deus O reflete e também guia nossa teologia.

A auto-revelação de Deus é graciosa. Ele a inicia livremente e nos abençoa por meio dela. Ela é verdadeira, representando fielmente quem Deus é, o que Ele faz e como Ele se relaciona conosco.

É uma unidade. Embora transmitida em uma variedade de formas, a comunicação de Deus sobre Si mesmo, a humanidade e a vida é coerente. É pessoal, comunicando Deus e Seus caminhos para nós.

É proposicional, fazendo declarações ou afirmações, revelando a verdade sobre Deus, a humanidade, a vida, a história e a salvação. Como somos recipientes da auto-revelação de Deus, é analógico, pois Ele usa contextos, culturas e línguas humanas para se comunicar. Analógico significa que não é exatamente como o conhecimento de Deus sobre Si mesmo em todos os sentidos, e não é tão diferente do conhecimento de Deus sobre Si mesmo, em alguns aspectos, que não podemos conhecê-Lo de forma alguma.

É analógico, como o conhecimento que Deus tem de Si mesmo em certas formas reveladas. A revelação de Deus de Si mesmo é parcial, já que o Deus infinito pode revelar apenas informações limitadas para nós, humanos finitos. É histórico, pois Deus se comunica conosco no espaço e no tempo, de forma única entre as religiões do mundo.

Ela é progressiva dentro das escrituras, pois se relaciona a múltiplas gerações, e gradualmente expande sua auto-revelação ao longo do tempo. Como tal, a teologia é possível somente por meio da iniciativa divina. Repousa no conteúdo e na unidade da verdade revelada, tem componentes objetivos e subjetivos, requer insight na cultura humana, não pode ser exaustiva, está ligada a toda a vida, e seu estudo é um processo perene.

Além disso, a graciosa auto-revelação de Deus é dada de várias maneiras e em vários contextos, mas com uma unidade impressionante. Deus se revela a todas as pessoas em todos os momentos e lugares por meio da criação, que testemunha a Ele como seu Criador e Senhor, Salmo 19, 1-6, Romanos 1:18-32. Ele também o faz criando humanos à Sua imagem.

A lei moral está escrita no coração humano, Romanos 2:12-16. Nossa teologia, portanto, envolve uma variedade de mundos intelectuais, culturais e vocacionais. A revelação geral e a graça comum nos lembram que mesmo o trabalho e a cultura explicitamente não cristãos incluirão inevitavelmente algum testemunho da verdade de Deus.

A teologia pode “reconhecer e celebrar os vislumbres de justiça, sabedoria, verdade e beleza que encontramos ao nosso redor em todos os aspectos da vida. Em última análise, uma compreensão do evangelho e do ensino bíblico sobre engajamento cultural deve levar os cristãos a serem os mais apreciativos das mãos de Deus por trás do trabalho de nossos colegas e vizinhos.” Timothy Keller e Katherine Leary Alsdorf.

Todo bom encontro conecta seu trabalho ao trabalho de Deus. Deus também se revela a pessoas específicas em momentos e lugares específicos, comunicando-se gradualmente e mais claramente a Si mesmo e Suas relações de aliança. Ele se exhibe por meio de ações históricas, por exemplo, o Êxodo, discurso divino, por exemplo, os Dez Mandamentos, e Seu povo da aliança, cuja santidade, amor e justiça devem refletir Seu próprio caráter, Êxodo 19:5 e 6, Apocalipse 19, Levítico 19, desculpe, 1 a 18.

Deus se revela mais plenamente em Jesus e Sua encarnação, vida sem pecado, ensino, proclamação de Seu reino, milagres, crucificação, ressurreição, ascensão, reinado e retorno prometido, João 1 :1 a 18, Hebreus 1:1 a 4. Deus se revela também por meio dos profetas inspirados, apóstolos e escrituras sagradas, que registram e interpretam com precisão a auto-revelação de Deus. Além disso, as escrituras são chamadas de palavra de Deus e são elas mesmas a forma mais acessível da auto-revelação de Deus. Salmo 19:7 a 14, Mateus 5:17 a 20, João 10:35, 2 Timóteo 3:15 a 4:5, 1 Pedro 1:22 a 25.

Por isso, a teologia começa com o temor do Senhor, Provérbios 1:1 a 7. Ela exige que nos vejamos como criaturas buscando conhecer o Criador e Seu mundo por meio da dependência de Sua autorrevelação, comunicada mais claramente nas escrituras verdadeiras e autoritativas — criação em nossa teologia. A criação de Deus também funciona como um componente para nossa teologia.

O infinito, autoexistente, pessoal, soberano, santo e bom Senhor falou poderosamente e criou um bom cosmos, evidenciado pelo refrão constante, como vimos, e Deus viu que era bom. A bondade foi destacada no sexto dia da criação quando Deus disse que era muito bom. Gênesis 1:31.

As generosas provisões de Deus de luz, terra, vegetação e animais são bênçãos dadas para nosso benefício, assim como nossas habilidades de conhecer Deus, casar,

procriar e trabalhar. Assim, o bom Deus cria um mundo bom para os crentes, bom e o bem dos outros. A criação testifica de Deus e de Sua bondade e poder.

Verdade, bondade, beleza e paz abundam. Como resultado, é apropriado que busquemos entender toda a criação, toda a vida, à luz da revelação de Deus. Humanidade em nossa teologia.

Quem somos como humanos também guia nossa teologia. Como criaturas, naturalmente carregamos todas as marcas da finitude. Oh, nosso conhecimento como humanos é limitado, refletindo a distinção Deus-do-criador-criatura.

Ainda mais, fomos criados por Deus à Sua imagem para amá-Lo, refletir Seu caráter e servir Sua missão. Como tal, o conhecimento não é meramente um bom aditivo a ser buscado, mas se relaciona aos propósitos originais e fundamentais de Deus para nós, amar e servir a Deus, aos outros e à sua criação. Gênesis 1:26-28.

Tal amor e serviço requerem nosso conhecimento de Deus, de si mesmo, da cultura e da criação. Conhecer a Deus e, portanto, conhecer a teologia como parte do conhecimento de Deus, é, portanto, significativo para cumprir nosso propósito. À medida que conhecemos cada vez mais a Deus nessas verdades, podemos buscar apropriadamente a verdade, a bondade, a beleza e a paz como fins nobres em si mesmos e como maneiras de glorificar a Deus ao conhecê-Lo, refleti-Lo e servi-Lo.

Pecado e nossa teologia. Infelizmente, a realidade do nosso pecado distorce nosso conhecimento de Deus e, portanto, nossa teologia. Os humanos se rebelam contra Deus, interrompendo nosso relacionamento com Ele, com os outros, conosco mesmos e com a criação.

Gênesis 3, Romanos 5:12-21. Agora somos caracterizados tanto pela imagem de Deus quanto pelo pecado. Nós apropriadamente ansiamos por justiça, paz e beleza, mas tendemos a distorcer essas coisas ou buscá-las apenas por interesse próprio, em vez de pela glória de Deus e o bem dos outros.

De fato, o pecado infecta e afeta nossas mentes, afeições, atitudes, vontade e ações. As Escrituras explicam essa corrupção de várias maneiras, usando imagens como morte espiritual, escuridão, dureza, escravidão e cegueira. Marcos 7:20-23.

Romanos 1:18-32. Romanos 3:9-20. 2 Coríntios 4:3-4.

Efésios 2:1-3. Efésios 4:17-19. Como tal, nossa teologia é muitas vezes marcada pela finitude, preconceito e miopia cultural e pode ser motivada pelo egoísmo, orgulho, prestígio, ganância ou sede de poder.

Até mesmo nossa erudição cristã reflete esses problemas. Cristo e nossa teologia. Felizmente, Cristo é maior do que nós, e Ele lança luz sobre como devemos crescer em teologia.

Jesus é a Palavra, a revelação mais plena e clara de Deus. João 1:1-18. Hebreus 1:1-4.

Jesus é a verdade e a luz para o mundo, obscurecido como está pelo pecado. João 1:4-18. 8-12.

14:6. Jesus é o Senhor, a autoridade preeminente que merece e exige nossa fidelidade e submissão em toda a vida, incluindo nosso pensamento. Filipenses 2:5-11.

Ele também é um professor que nos molda como Seus discípulos e investe em nós, ensinando-nos sobre o reino de Deus e construindo Sua igreja e Sua comunidade. Além disso, Jesus proclama que a verdadeira adoração é em espírito e em verdade, nos exorta a buscar as escrituras que testificam Dele e espera que examinemos nossa identidade, examinemos Sua identidade, milagres, ensinamentos e obras para ver que Ele é de Deus. Jesus se vincula à verdade, corrige o erro e envia o Espírito Santo como aquele que nos guiará na verdade.

Jesus também define a vida eterna como conhecer a Deus e orar para que Deus nos torne santos pela Palavra, que Ele caracteriza como verdade. Mateus 5:7. João 1:15-18.

João 14:6. E 17:3-17. Em Cristo, o apóstolo afirma, cita, estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento, Colossenses 2:3. Como resultado, toda a verdade, e assim toda a teologia, encontra seu foco e fonte no próprio Cristo. De fato, toda a criação, incluindo todo o nosso conhecimento, ensino e vocações, é por Cristo, mantida unida em Cristo, e para Cristo, Colossenses 1:15-20.

Salvação em nossa teologia. Maravilhosamente, nossa teologia não é uma tentativa abstrata de dissecar ou sondar Deus. A teologia é factual.

Isto é, Deus nos cria à Sua imagem, suporta pacientemente nossa rebelião e envia Seu Filho para nos salvar para que possamos conhecê-Lo e estar em um relacionamento de aliança com Ele. A teologia é intensamente pessoal porque é sobre Deus e sobre nós em nosso relacionamento com Deus. A doutrina da salvação na história bíblica destaca essa verdade e define a identidade cristã à luz dela.

Estamos espiritualmente unidos a Cristo e somos recipientes de uma nova vida. Somos crentes em Cristo e aceitos como justos nele. Somos filhos de Deus e estamos sendo transformados em pessoas santas à imagem de Cristo.

Estamos em Cristo. Não temos nada a temer, nada a provar, nada a esconder. Então a tarefa da teologia capacita e fomenta nossa busca por nossa identidade, nosso crescimento e nossa segurança.

A teologia nos oferece sabedoria para andar nos caminhos de Deus, de acordo com a palavra de Deus e pelo poder de Deus. O Espírito Santo em nossa teologia. A obra de Jesus por nós é aplicada a nós por meio do Espírito, unindo-nos a Cristo.

O Espírito Santo inspirou as escrituras e nos capacita a entendê-las agora. Ele habita em nós, nos capacita e produz frutos em nós. Ele guia nossos líderes da igreja e capacita nossa adoração.

Ele nos concede dons espirituais para abençoar a igreja através de nós. Como resultado, nossa teologia depende do Espírito para seu conteúdo. Ele inspirou a Bíblia.

Nossa teologia depende do Espírito para sua percepção. Estudamos muito, mas Ele nos capacita a interpretar a palavra corretamente. Nossa teologia depende do Espírito para seu contexto de igreja.

Ele inaugurou e habitou a igreja. Nossa teologia depende do Espírito para sua fecundidade. Ele capacita nossos professores da igreja e nos catapulta, junto com nossa teologia, para o serviço de Deus e dos outros.

Na igreja, em nossa teologia, por meio de Sua vida sem pecado, morte substitutiva e ressurreição corpórea, Jesus nos redime como um povo para Si mesmo. Como igreja, somos marcados pela verdade. Somos moldados pelo ensinamento do Apóstolo.

Nós nos opomos ao erro e compartilhamos a vida juntos como uma comunidade de Sua palavra. Por meio de nossa união com Cristo, até mesmo demonstramos a bondade de Deus, particularmente Sua unicidade, santidade, amor e verdade. Atos 2:41 a 47, Efésios 2:4 a 10 e 4:1 a 24.

Como povo de Deus, nós adoramos a Deus nos rendendo a Ele como sacrifícios vivos, santos e aceitáveis, em parte por sermos transformados pela renovação de nossas mentes e pelo discernimento da vontade de Deus. Romanos 12:1 e 2, Efésios 4:17 a 24. Como tal, nossa teologia não é meramente nosso próprio esforço individualista, mas é integrada a toda a vida e buscada na comunidade como povo de Deus sob a palavra autoritativa de Deus.

Ela requer coisas de nós também: chamado para humanidade, fé, dependência da graça, respeito pelos outros, diligência, paciência, cuidado e persistência. Como cristãos, precisamos uns dos outros e aprendemos teologia juntos em comunidade

sob a palavra enquanto compartilhamos a vida juntos. Por fim, o futuro em nossa teologia.

Os propósitos finais de Deus para a história também guiam nossa abordagem à teologia. O retorno, triunfo e julgamento de Jesus declaram Seu Senhorio, nos vindicam como Seu povo e estabelecem permanentemente a justiça e a paz cósmicas. 2 Tessalonicenses 1:5 a 10, Apocalipse 20:10 a 15.

Toda falsidade será derrubada, e todos os que praticam a falsidade serão banidos para um inferno eterno. Apocalipse 20 a 22. Os últimos três capítulos da Bíblia têm seu foco em novos céus e nova terra, mas cada um dos últimos três capítulos da Bíblia contém referências ao inferno.

O novo céu e a nova terra serão caracterizados pela presença pessoal de Deus com Seu povo. E porque temos uma nova vida em Cristo, a nova terra será caracterizada por Sua glória e a nossa, Sua santidade e a nossa, Seu amor e o nosso, Sua bondade e a nossa. Falo com reverência.

Então, a história é linear, proposital, escatológica para o nosso bem e, preeminentemente, para a glória de Deus. Romanos 8, 18 a 39, Efésios 1:3 a 14. Como tal, a teologia é um processo digno no qual buscamos entender Deus e Sua bondade, amor, justiça e paz para servir uns aos outros e glorificar a Deus.

Ainda mais, nossa busca teológica aceita que sabemos, em parte, crescer no conhecimento de Deus ao longo do tempo e ansiar pelo dia em que a fé será vista. 1 Coríntios 13:9 a 12. Como cristãos, valorizamos corretamente a teologia.

Ela glorifica a Deus e naturalmente cresce a partir da história bíblica. Deus, Sua autorrevelação, criação, nossa identidade como humanos criados à Sua imagem, Jesus, a obra de Jesus, salvação, o Espírito Santo, a igreja e as últimas coisas, tudo isso guia como estudamos teologia. Maravilhosamente, cada parte da história bíblica e cada verdade na fé cristã moldam nossa fé, esperança e amor, de fato, cada aspecto de nossas vidas diárias.

Em nossa próxima palestra, voltaremos nossa atenção para conhecer Deus e nossas fontes em teologia, que incluem tradição, razão, experiência e, supremamente, a Sagrada Escritura.

Este é o Dr. Robert A. Peterson em seu ensinamento sobre Revelação e Sagrada Escritura. Esta é a sessão 3, Conhecendo Deus e a História Bíblica e Conhecendo Deus e nossa Teologia.